

MEMÓRIA CULTURAL ATRAVÉS DE PERIÓDICOS: A ATUAÇÃO DE HERON DE ALENCAR

Carla Patrícia Santana
Orientadora: Ivíia Alves
UFBA

Resumo

Este trabalho tem como objetivo levantar a contribuição do crítico literário Heron de Alencar (1921-1972) no estudo da literatura brasileira. Sua atuação inicia-se na década de 1940 no periódico intitulado Jornal A Tarde, publicado na Bahia. O resgate da sua produção será mais uma contribuição ao estudo da memória cultural baiana, já que levanta textos ainda não catalogados. Aqui, far-se-á um breve resumo do seu percurso intelectual e do levantamento de textos realizado até então, fim de situá-lo no cenário baiano naquele momento.

Este trabalho insere-se no tema desse simpósio por tratar da constituição de um acervo de um intelectual que pensou sobre a literatura e cultura. A universidade brasileira vem desenvolvendo um papel importante na preservação e organização de acervos que possibilitam a reconstituição a nossa memória cultural ao resgatar textos que se encontram dispersos em periódicos que por sua vez também estão dispersos em bibliotecas públicas. Apesar deste trabalho não atender todas as etapas do que se denomina como arquivo do escritor ou de um estudioso da literatura, por não fazer parte desse trabalho, por exemplo, as correspondências e os manuscritos, os textos recuperados em revistas e jornais constituem um arquivo que pode ser socializado, porque já estão públicos, e que talvez seja a parte do arquivo que mais interesse aos objetivos dessa pesquisa e que permitem discutir as idéias desse intelectual em estudo.

Como esse trabalho inclui depoimentos dos que fizeram parte da “geração de 45” – baiana -, além de incluir a busca por fotografias, a constituição de uma biografia e do percurso intelectual, busca de inéditos, de textos esparsos e publicados em periódicos com edição esgotada e encontrável em raras instituições, como é o caso da Revista Arquivos da Universidade da Bahia – Faculdade de Filosofia publicada em meados da década de 50, está, portanto, intimamente

ligado ao trabalho de preservação da memória. Recuperar textos e montar percursos através dos diversos fragmentos recolhidos é uma maneira de “cuidar da memória” dos que se foram e que contribuíram na construção da nossa história coletiva, neste caso específico, da nossa história literária e cultural. Falar de Heron de Alencar ou em alguns momentos “falar por” é uma forma de lembrar o que foi esquecido por um determinado grupo ou geração e de narrar o desconhecido para outros. Reconstituir seu *arquivo* significa realizar o papel da repetição de um passado, da recuperação e transmissão de uma história que se mostra fragmentária, que não se concretizou e que, portanto, se configura como uma falta, uma ausência: *arquivo tem lugar em lugar da falta originária e estrutural da chamada memória* (Derridá: 2001). Derridá chama a atenção de que palavra arquivo, apesar de apontar para o passado também indica o futuro: *Ao mesmo tempo, mais que uma coisa do passado, antes dela, o arquivo deveria `pôr em questão` a chegada do futuro* (idem). É o trabalho de resgate do passado que abre a possibilidade da construção de um futuro menos amnésico e de construir no presente a possibilidade de reviver o passado em um futuro próximo. O olhar para trás possibilita a compreensão do nosso presente, porque “*o que é arquivado revela-se como espaço que abriga a produção viva que se resgata para a iluminação do presente*” (Cury: 1995). Assim, o ato de arquivar significa manter viva uma história, um período, uma produção e fazer re-circular discursos.

Os textos de Heron de Alencar encontram-se dispersos em jornais e revistas, locais e nacionais, sendo a maior parte publicada no jornal A Tarde. Como nem todos os exemplares estavam em condições de uso nas duas únicas bibliotecas que os possuem em seu acervo, a saber: A Biblioteca Pública do Estado da Bahia e a Biblioteca do Instituto Geográfico e Histórico da Bahia, restou consultar o acervo do próprio jornal. No entanto, após algumas consultas o setor de microfilmagem foi desativado sob a alegação de que iriam publicar um cd-rom com as edições

antigas, no entanto, um ano já se passou e nada foi lançado. Por todos esses motivos, não há uma previsão de conclusão do catálogo dos textos publicados neste jornal. Alguns dos textos publicados em revistas foram transcritos dos exemplares existentes nas bibliotecas públicas ou doados por remanescentes, no entanto ainda não foi possível localizar alguns periódicos. Mas, ainda que parcialmente, e assim sempre será qualquer análise, é possível discutir algumas das idéias fornecidas pelo material que já foi recuperado.

Quem foi e o que fez Francisco Heron de Alencar (1921-1972)? Iniciando sua atuação no cenário literário baiano na década de 1940 foi com a coluna *Caleidoscópio* publicada na página literária do *Jornal A Tarde*, em substituição ao recém falecido Carlos Chiacchio, que este intelectual publicizou suas concepções iniciais sobre literatura e artes. Posteriormente, em 1961, foi editor do *Jornal da Bahia* (Salvador). Mais tarde, no seu trânsito entre os tipos de crítica possíveis, a crítica de jornal e a acadêmica, escreve a tese *Literatura- um conceito em crise* preparada para o concurso para a livre docência na Universidade da Bahia, em 1953. Foi um dos colaboradores de *A Literatura no Brasil*, de Afrânio Coutinho, é seu o capítulo sobre José de Alencar e a ficção romântica, considerado por Eduardo Portela um dos pontos altos do volume (Portela,1958):

O ponto mais alto do volume é, realmente, o trabalho do professor Heron de Alencar sobre "José de Alencar e a ficção romântica". Um trabalho onde ao pesquisador rigoroso, compreensivo historicamente, se alia uma admirável vocação de crítico literário preocupado com a razão interna da obra de arte, mas sem que se deixe perder na minúcia; pelo contrário: com uma noção nítida e clara do conjunto, realizando um trabalho integral. E nele, a crítica literária atende ao seu critério tridimensional. O julgamento da obra é uma consequência lógica da aproximação intuitiva e do conhecimento científico. Daí que seja o seu estudo sobre "José de Alencar e a ficção romântica" dos mais completos e mais seguros daqueles que, sobre um romancista, já foram publicados no Brasil. Trabalho onde não falta aquela qualidade indispensável ao crítico, a que o Sr. Otto Maria Carpeaux resumiu numa palavra de feição impressionista, mas ainda rica de força e conteúdo: o talento.

Na sua crítica de rodapé, com sua coluna exclusiva, operava a divulgação de acontecimentos literários e culturais, lançamento de livros, resenhas críticas, fazia julgamento crítico e resumos biográficos, tratava tanto das publicações nacionais como das estrangeiras e divulgava as revistas nacionais. Destaca, em 1948, o movimento e a revista Caderno da Bahia¹, que surgiu, segundo Vasconcelos Maia - um dos fundadores - em prol das artes modernas e de afirmação dos talentos jovens na província. O destaque maior era dado aos escritores baianos, segundo Alencar, muitos escritores novos estavam surgindo, iniciando, com dificuldades, suas publicações em jornais e revistas, vivia-se um movimento de renovação baiana. Muitos daquelas não entraram para o cânone literário e nem sequer conseguiram que sua obra fosse apreciada por um círculo maior de estudiosos. Foi também o período de surgimento de muitas revistas de literatura e artes, o que garantia mais um espaço para divulgação e debate sobre estes assuntos, Heron de Alencar destaca o lançamento de diversas revistas em todo o país, esclarecendo seus objetivos e citando colaboradores, também comenta a formação de clubes literários que proporcionavam a publicação de livros: *“Uma das provas de que o movimento literário no Brasil vai ganhando mais força e crescendo de importância, atingindo, mesmo, um público maior, está no fato da multiplicação dos clubes ou círculos literários, que objetivam a difusão do livro em amplos setores das nossas populações”* (Alencar, A Tarde, 30/10/48). Essa citação exemplifica também a defesa de um dos projetos da modernidade, que será comentado mais adiante.

¹ O estudo desse movimento está na dissertação de mestrado de Karina Rego Nascimento, intitulada *Movimento Caderno da Bahia – 1948-1951*.

È preciso ressaltar que essa crítica jornalística possuía uma grande força naquele período, podia determinar o sucesso ou não de um lançamento, estar nas páginas do jornal significa poder literário: *“Poder literário era em parte sinônimo de uma presença constante nas páginas e no noticiário de jornal”* (Sussekind, ob. cit. pg. 16). Portanto, Heron de Alencar situa-se em um momento histórico importante para a crítica literária brasileira, segundo ainda Sussekind, é esse período que vai fornecer as bases para a constituição do perfil do crítico moderno em nosso país. Percebe-se, nas páginas dos periódicos da década de 40, o que a estudiosa vai denominar de *“... tensão cada vez mais evidente entre um modelo de crítico pautado na imagem do ‘homem de letras’, do bacharel, e cuja reflexão, sob a forma de resenhas, tinha como veículo privilegiado o jornal; e um outro modelo, ligado à ‘especialização acadêmica’, o crítico universitário, cujas formas de expressão dominantes seria o livro e cátedra”* (p.13). Se essa tensão/esse período forneceu as bases para a formação do perfil do crítico moderno no Brasil, no dizer de Sussekind, deve-se, aqui, discutir alguns aspectos da modernidade para entender o porquê dessa tensão entre os modelos de crítico. É evidente que o texto de jornal, a crítica de rodapé, está inserida no que a modernidade vai chamar de baixa cultura, já que é a crítica não especializada produzida para um espaço popularizado que é o jornal. Portanto, não é valorizada por uma elite acadêmica, não é à toa que os críticos de rodapé estão fora do cânone da crítica literária brasileira, começam a ser colocados em evidência por uma corrente de estudos que se preocupa em questionar os modelos construídos pela modernidade.

A crítica de rodapé perdeu espaço e a crítica universitária foi eleita como a crítica, como se a primeira não fizesse parte da segunda, como se não fizesse parte do *cabo* (Derridá:1995), e é na verdade, uma vertente da crítica literária, é *“o outro do cabo”*, a outra ponta que por um determinado período foi a que ocupou um papel de destaque, sendo inclusive, segundo

Sussekind, a que originou a outra, já que a palavra cabo pode indicar tanto o início como o fim. Isso mostra o quanto as extremidades do cabo podem se alternar no papel de direção, se alternar no papel da “exemplaridade”, do modelo, construído por agentes intelectuais, a ser seguido. Por isso, a articulação entre os dois modelos é necessária, se complementam para fertilizar a atividade literária, a exclusão de um dos modelos não é frutífera aos estudos literários. Segundo Massaud Moises (2000), com essa mudança, de extremidade do cabo, ganhou-se na profundidade das análises, mas os leitores perderam com o dogmatismo da nova crítica, observação já apontada pelos jornalistas. Além disso, afirma que os métodos críticos que surgiram, estruturalismo, desconstrucionismo, não conseguiram preencher o espaço antes ocupado pelo rodapé:

“Em consequência, os suplementos literários foram desaparecendo ou mudando de figurino, talvez conscientes de que deixavam um espaço que nada preencheria. É que a crítica de jornal, ainda que efêmera e tudo o mais que se possa dizer, cumpria, e ainda cumpre, um papel singular, que não pode ser desempenhado por nenhum órgão universitário. Por isso, à maneira das crônicas, os rodapés críticos, ou equivalentes, resistem mal ao teste do livro: o brilho da novidade não é o mesmo, embora o leitor possa desentranhar ali material abundante de reflexão e informação, justamente por se reunirem impressões da hora, que se perderiam caso fosse necessário esperar o transcurso do tempo para que o crítico se debruçasse sobre as obras. Embora permaneça a sua utilidade como testemunho direto dos acontecimentos, não tem como evitar que se dissipe a possível força de impacto ou de polêmica.”

Cada uma exerce seu papel, sua função sem que seja necessário o desmerecimento de uma modalidade ou de outra, há espaço para o diálogo entre as duas vertentes. Defender que o espaço da crítica deva ser, privilegiadamente, a do livro faz parte da necessidade de distinção entre alta e baixa cultura da sociedade moderna: a crítica de jornal é a baixa enquanto a do livro e cátedra fazem parte da alta cultura.

É possível pensar esse tipo de crítica – do jornal - como parte o *projeto democratizador* da Modernidade (Canclini: 1997) que estabelece a educação e difusão da arte, a popularização da

cultura que permitiriam a ampliação da compreensão do mundo, o progresso e conduziria a relações sociais mais justas. A questão é que essa democratização não se completa em uma sociedade em que o número de analfabetos e excluídos é alarmante. Como educar culturalmente as “massas” se a educação básica não está acessível? Essa é uma das contradições da sociedade moderna/burguesa. Ao tratar do escritor Jean Cassou, francês descendente de espanhóis e mexicanos, Alencar destaca um trecho de um artigo desse escritor que diz:

“Um povo, antes de qualquer consideração de superioridade materiais, é forte e livre pela própria cultura, esta cultura que não pode ser reservada a poucos, mas, aberta a todos os filhos do povo porque é a realidade mesma do povo. É necessário, pois, dar aos homens que têm missão a defesa e o desenvolvimento dessa cultura, todos os meios para que possam, dignamente, cumprir o seu trabalho.” (Liberdade de viver. In: Caleidoscópio, *Jornal A Tarde*, 02/07/49).

A modernidade trouxe, de fato, condição, meios para o *povo* pudesse desenvolver sua cultura? E mesmo as comunidades que conseguiram manter seus costumes, tradições foram reconhecidas como detentores e produtores de cultura? Seu espaço foi a margem, um espaço em branco a ser preenchido pelos que detinham e definiam que era cultura.

Percebendo que era preciso mais do que divulgação, difusão para que o acesso à cultura fosse possível a amplos setores da população, Heron de Alencar, teve uma atuação política no que se refere à educação, propondo alteração nos currículos do curso de Letras da Universidade Brasileira, incentivando projetos como “A hora da criança” uma realização de Adroaldo Ribeiro da Costa, que promovia o desenvolvimento de habilidades como a leitura, desenhos, realização peças teatrais pelas crianças através da literatura de Monteiro Lobato. Além disso, anunciava quando as editoras que ofereciam livros a preços mais baixos, o que, obviamente, facilitava a aquisição dos mesmos: “*Continua a Coleção Saraiva a cumprir o seu bom programa editorial,*

do qual consta a divulgação mensal, a preço módico, de livro de autores nacionais e estrangeiros” (Em surdina. Caleidoscópio, *Jornal A Tarde*, 17/09/49; 9) grifo nosso.

É inegável que a crítica de jornal possibilita que a massa de leitores, os letrados - portanto uma parcela pequena da população que representa o leitor comum - tenham acesso a nomes e títulos que estão em circulação, o que não seria possível caso o espaço para tal divulgação fosse restrito às revistas especializadas, que não atingem o leitor comum, por falarem para dentro. Mas também, não se pode ter a ilusão que esse projeto tinha apenas o objetivo “ilustre” de promover a divulgação para educar “as massas”, atender às demandas do mercado é também uma questão importante, se não uma das fundamentais, nesse tipo de sociedade. Mas, Heron de Alencar criticava o que chamava de indústria literária, a escritura por encomenda, a qual segundo ele carecia de qualidade e levava à morte do escritor, sua atividade crítica fazia parte de uma ideologia, não era um agente do mercado; quando incluía um autor era muito mais por “marketing ideológico” (Massaud Moisés, 2002). Isso não quer dizer que considerasse o mercado maléfico à literatura, mas apontava para a necessidade de reflexão sobre as mudanças que o mesmo proporcionava à literatura, inclusive ao conceito do que é ou não literatura, do que faz parte ou não da cultura de um povo, dos discursos sobre a literatura e cultura.

Enfim, esse resgate do trabalho e da atuação de Heron de Alencar permite discutir, e reviver, questões que ajudam a compreender um dos períodos da nossa história cultural. Como não há um acervo, um arquivo constituído do crítico, torna-se necessário, primeiro, resgatar seus textos para que se possa recompor essa memória baiana que se mostra tão fragmentada. Por todas essas questões essa é uma leitura parcial e, ainda mais, por dois motivos, primeiro porque ainda não foram recuperados textos suficientes para uma abordagem mais ampla, segundo porque parte dos textos que já foram recuperados está sendo ainda catalogada para uma leitura e análise posterior.

Referências Bibliográficas

- ANDERSON, Benedict. "Memória e esquecimento". In: ROUANET, Maria Helena (org). *Nacionalidade em questão*. Rio de Janeiro: UERJ/IL. 1997. p.60-97
- BOURDIEU, Pierre. "A Economia das trocas lingüísticas." e "Linguagem e poder simbólico." In: *O que falar quer dizer; a economia das trocas lingüísticas*. Trad. Wanda Anastácio. Algés: DIFEL, 1998. p.12-20; p.87-121
- CURY, Maria Zilda Ferreira. "Acervos: Gênese de uma nova crítica." In: MIRANDA, Wander Melo. (org). *A trama do arquivo*. Belo Horizonte: Editora UFMG, Centro de Estudos Literários da Faculdade de Letras da UFMG, 1995. p.53-63.
- DERRIDÁ, Jacques. *O outro cabo*. Coimbra: Reitoria da Universidade/ A Mar Arte, 1995. p. 93-147
- DERRIDÁ, Jacques. *Mal de arquivo: uma impressão freudiana*. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2001.
- GARCIA CANCLINI, Nestor. "Das utopias ao mercado". In: *estratégias para entrar e sair da modernidade*. Trad. Helisa pezza Cintrão, Ana Regina Lessa. – São Paulo: editora da universidade de São Paulo, 1997, pg.31-66
- MAIA, Vasconcelos. "Movimento chamado 'Caderno da Bahia'". In: *Revista da Academia de Letras da Bahia*. Nº31, dez. 1983, pg. 77-82
- MOISÉS, Massaud. "Crítica em rodapés". In: O Estado de São Paulo, Caderno C, 9/9/2000. Fonte: <http://www.secrel.com.br/jpoesia/disseram33.html#difcil>, pesquisado em 13/04/2002
- PORTELLA, Eduardo. "Em torno de um conceito de crítica literária". In: *Dimensões I* (Crítica Literária). Rio de Janeiro: Livraria José Olympio Editora, 1958, pp. 49-57.

SUSSEKIND, Flora. “Rodapés, tratados e ensaios – a formação da crítica brasileira moderna”.

In: *Papéis colados*. Rio de Janeiro, UFRJ, 1993.p.12-33.